



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA

V.M.
1321
FLS. 1329
LAUDO N.º 179.138

LAUDO DE EXAME E REDUÇÃO A TERMO DE DIZERES GRAVADOS EM FITA MAGNÉTICA.-

Aos vinte e dois dias do mês de julho do ano de mil novecentos e noventa e dois, nesta cidade de Curitiba, no INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA do Estado, foram designados pelo Diretor do Instituto Dr. Luiz Gabriel Costa Passos os peritos Dr. Marilan Terezinha Reinostre e Dr. Djalma Pires para procederem a exame de uma fita magnética gravada e encaminhada através de ofício, sob nº 030/92, oriundo da Divisão de Segurança e / Informações - Delegacia de Ordem Social, datado de 10 de julho de 1992, no qual figura como vítima: Evandro Ramos Caetano,-

a fim de ser atendida a solicitação contida no teor do ofício supracitado. Em consequência, os Peritos realizaram o exame determinado, relatando-o com verdade e com todas as circunstâncias, da forma como segue:-

MOTIVO DA PERÍCIA:-

Depreende-se da leitura do ofício retroaludido que a perícia requisitada tem por finalidade a oitiva e posterior transcrição "in verbis" do conteúdo gravado em uma fita magnética do tipo "cassete", de marca VAT e, mais especificamente do conteúdo relacionado ao lado "A" até, mais ou menos a sua porção média, // conforme ficou delimitado no teor do ofício da autoridade solicitante.-

MATERIAL APRESENTADO À EXAME:-

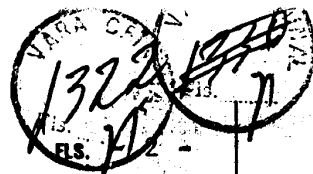
Trata-se de uma fita magnética de gravação do tipo "cassete", de marca "VAT - C46", contendo no lado "A", os dizeres: // "DECLARAÇÕES CELINA ABAGE BEATRIZ ABAGE CASO EVANDRO". No lado "B", constam os dizeres: "GUARATUBA-PR 02-JUL-92 CASO EVANDRO". / Os vocábulos acima acham-se escritos em letra de forma, com caneta de tinta na cor azul. Esta fita acha-se acondicionada num esto

VISTO



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



LAUDO Nº 179.138

jo plástico, contendo os dizeres: - "DECLARAÇÕES CELINA ABAGE E /
BEATRIZ ABAGE. DATA: 02JUL92 LOCAL: GUARATUBA CASO EVANDRO". Re
feridos vocábulos acham-se detilografados. - - - - -

DO EXAME: - - - - -

Para a escuta do que se acha gravado na fita em apreço,
os Peritos se utilizaram dos seguintes aparelhos: um "Stereo In
tegrated Amplifier - Model 126 - Gradiente", um "Stereo Cassete
Deck - Model GX - M10 - Akai e de um Stereo Graphic Equalizer - /
Cygnes - SE 400. - - - - -

A seguir, os Peritos passam a transcrever "verbum ad
verbum", o que se acha gravado na fita em epígrafe, da forma co
mo segue: - - - - -

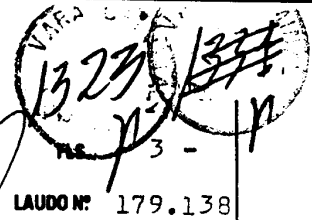
LADO "A": - - - - -

" - Sí e que ... deixem que ele falar, eles ... Oulders
fazem lavagem cerebral. - ... levou o guri lá, lá na casa do Os
valdo? - Entre duas e três horas. - Que horas você levou o gu
ri, ela levou o guri? - Ela foi direta lá prá, prá fabriquinha,
lá levaram a criancinha lá. - Sim, mas eu peguei você? - Sim pe
gou eu, passaram lá em casa sim. - Quem que passou, quem que ta
va junto? - ... umas duas ou três horas não me lembro o horário.
- Tá, quem que tava junto? - Tava eu, o De Paulo, ela e a mãe /
dois. - E daí o que fizeram lá na fábrica? - Levamos a, a crian
ça prá lá e deixamos ... - Ham - Não, levamos a criança lá e /
deixamos presa lá no quartinho. - De que jeit com quem? - Hã,ã
com Bardeli. - Quem? - Com o Bardeli. - E, e é verdade isso Os
valdo? - Eu ... quem ficcu diretamente tomando conta da criança
não sei eu não - Não, não vi quem ficou tomando conta ... - Tá,
e daí, o Bardeli que ficou cuidando e da criança? - Bom, eu não
dico ficou cuidando, ficou trancada lá a criança, mas a única /



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



Paula Pereira

— pessoa que tinha a chave daquele local era o Bardeli. — E daí, /
— e que horas vocês voltaram lá, na fábrica? — Só a, a noite an-
— tes dos trabalhos do Doutor Mercêis. — E, é a que horas? — Era /
— noite, sete horas mais ou menos. — E daí, começou os trabalhos,
— a que horas? — Hã, ã logo em seguida. — Quem matou a criança daí?
— Quem cortou? — O De Paula, pronto. — Não. Quem matou? — O De //
— Paula. — Hê, ê. — Daí o, o Devaldo e o De Paula que fizeram os
— trabalhos. — Quem que tirou o sangue da criança? — Foi o De Pau
— la. — Como que ele fez? — Hã ele cortou o pescoço da criança. /
— Ele cortou e estrangulou o pescoço ... — Você o que que fez?
— Eu u, não fiz nada, fiquei olhando. — Você segurou a criança.
— Tá, eu segurei a criança. — Não (começou a chorar) ... foi //
— uma tolice. — Conte, conte, conte aí. — ... foi tirado os olhos
— ... o senhor qué que eu diga. — Como é que não, não quero que /
— diga, quero que você me fale como é que era, foi tirado o que? /
— Daí nós duas saímos porque ele disse que nós não podíamos ver,
— porque era magia negra, — Hã — Eu e minha mãe saímos. — Tá. — O
— De Paula disse que nós não podia ver porque era magia negra. //
— Hã. — Nós saímos e, e, e daí ficamos esperando, no carro. — E
— como é que foi, quem segurou a criança? Em quantos que estavam,
— os quatros, todos vocês seguraram? — É é nós quatro seguramos. /
— E daí? — E daí ... — Não, três né, porque o De Paula é que es
— tava fazendo, três seguraram pronto. — Que e é o o De Paula fa
— zia o que, qualé as partes que ele cortou, cortou da criança? /
— Eu não via ele cortar partes, eu só vi isso, o, o pescoço prá
— sangue, eu não vi ele cortar partes, estrangulou a criança e //
— abriu o pescoço pronto. — E daí? — Foi isso o o que a gente /
— podia ver, só foi isso. — Hã, hã. — Os outros, a outra parte //
— eles falaram pode perguntar pros dois, que não, que não que a /



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA

1324
7. - 4 -
LAUDO Nº 179.138

gente não podia vê. - Como, vocês não podiam assistir? - E é se não não ia dar certo o trabalho. - Tá, e os restos e e aqueles, o que vocês fizeram daquela tigelinha, que estava com com as // coisas, com as partes da criança lá, lá na fábrica? - É ficou / na mão do Osvaldo. - E daí? - E daí não sei o que ele fez. - Pois ficou lá dentro na na aí naquela igrejinha, naquela casinha ali. - Ficou dentro da casinha, então eles colocaram sem que eu vi, / que eu visse (chero ...) - Não precisa chorar. ...? - Beatriz / Cordeiro bebe. - ... Não seja por acaso. - Conte, conte a his- tória? Quantos anos tem? - Vinte e oito. - Vinte oito, tá. - En tão pode contar agora a história. - Conte a história que caiu a casa, não adianta não tem quem segure mais, vamos ver onde está o material que esconderam tudo. - Nós pegamos a criança eu e mi nha mãe, pegamos a criança aí levamos passamos pela casa do Pau lo e levamos a criança prum quartinho na fábrica, essa criança / e, e, é ficou lá na fábrica, até às sete horas mais ou menos, / aí chegou daí, eu, eu passei ... peguei eu, eu e minha mãe pega mos o Osvaldo e o De Paula, aí começaram os trabalhos, eles e e cada uma de nós, seguramos uma mão a mão de uma criança, da // criança e o Osvaldo segurou embaixo as pernas e daí o De Paula / fez cortou hã, ... estrangulou cortou o pescoço e abriu e daí ele não permitiu mais que a gente visse, porque ele era o Pai / de Santo, ele não permitiu, pode perguntar lá hã, hã. - Isso é verdade, o que você está falando? - E, é totalmente verdade, eu assino. - Verdade verdadeira. - É verdade verdadeira. - Pode // confiar em você? - Pode. - Confirma tudo isso. - Confirmo na // Justiça onde vocês quiserem. - Isso. - Eu assino já até se que- rem que eu assino, eu assino. - Não, não quero que você assine, só quero que você fale a verdade, ... estão prá que a gente pos



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



RS. - 5 -

LAUDONº 179.138

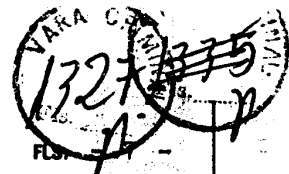
Miranda Costa

sa ... - Prá onde levaram a criança? - Deí nós pegamos né no //
carro, pronto. - Que carro? - No meu carro. - Que carro que é o
teu? - Escort. - Que cor? - Cinza. - Placas? - Hã, hã CH dois/
nove nove três. - Quem que tava com você no carro? - É eu e/
minha mãe. - Quem que dirigia? - Eu. - Quem mais estava no car-
ro, você? - Só eu e minha mãe, que estávamos no carro. - É, da
onde que vocês pegaram o guri, a onde ele tava? - É é na esquina
na esquina já da casa dele. - Que horas era isso? - Eram mais /
ou menos duas horas da tarde. - Porque que foi escolhido ele, /
esse esse garoto? - Hã, a qualquer criança, foi escolhido ele. /
- Porque ele? - Foi o De Paula que mandou, o De Paula que man- /
dou que fosse uma criança loiro de olho claro. - Porque, //
porque loiro de olho cla claro? - Não sei e ele que falou que /
ele que o pai dele é Pai de Santo, e ele quem mandava. - Porque
foi feito isso? Porque foi sacrificado a criança? - É, é para /
vir mais, mais fortuna, justiça, hã, hã. - Pra quem? - Pra, pra
minha família pronto. - Porque sua família? Qual o significado/
disso? - É, é pra eles também pro, pro Osvaldo e pro De Paula /
pra eles se tornarem mais é, é, é, é pra se tornarem mais Pais
de Santo. - O que, que eles receberam nisso? - Hã, hã, aí eu, /
eu não, não sei, não posso, não posso dizer, porque eu não sei,
porque foi todo o acerto com o Bardeli. - Não, dinheiro? - Pois
é feito por Bardeli, ele é responsável pelas finanças. - Mas vo-
cê sabe quanto que foi? - É se sete milhões. - Confesse ... di-
reitinho prá nós não ... - Sete milhões pronto. - Quem, quem fi-
cou com os sete milhões? - O, o Osvaldo e o De Paula. - Quem //
mais? - É o De Paula. - Quem como é é que foi dividido entre //
eles, você sabe? - Não a divisão deles eu não participei, foi/
particular deles, eu não participei. - Quem que deu o dinheiro?
- Foi o Bardeli. - Dinheiro de onde, que era esse? - Da fábrica,



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



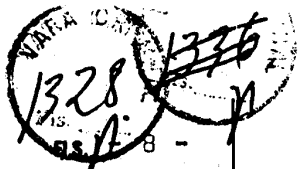
LAUDO Nº 179.138

encontraram a camiseta. É já acharam ... já ... e e a faca e o material tá o onde? - ... d De Paula. - É, é a roupa e e a onde vocês cortaram o menino, sujou de sangue? - Sujou areia na / frente. - E daí como é que fizeram. Daí a, a jogamos areia em / cima, pronto. Hã, hã. - ... - Não, não você está mentindo. - É, é o sangue saiu na areia. - Daí não vocês cortaram o menino a / onde, não foi dentro da casa, a onde foi cortado o menino? - Na frente da casinha. - É. - É. - Que horas era isso? - Nã, não sei, porque agente nã olhei no relógio, mas depois era noite. - E vocês levaram prá onde? - ... - E, e você não tá querendo falá. - Hã, ãtou falando, tou falando. - Você não tá querendo fala. - Era noite, o d o d o d rê echo que era oito horas, o Bardeli tá sabendo, também, dessa dessa parte. - É o Bardeli. - O Bardeli / levou agente, foi junto com agente. - Ela sabe tudo? - Ele sabe a parte da casinha, que a criança ficou lá na casa. - Na casa. / - Mas qual casa, eu nunca vi na casinha. - Hã, não naquela ou- tra assim que tem uma casinha assim piquininha, assim no lado / da fábrica, e depois tem uma outra que era um escritório. - Hã, hã tá ficou lá no escritório então? - É é que é uma casinha. - É, e tá, então outra coisa o seguinte, eu vou levar você e vo- cês vão contar todas essas coisas no papel, isso é verdade? - Tá bom eu mostro você ... - A outra coisa, você é prisioneira mi- cha, vou levar você para Curitiba, se você não ... - Minha mãe vai? - Não depois você fala com sua mãe. Se você confirmar di- reitinho, certo. - Hã, hã. - Então não tem erro, tá bom? - Tá, / eu confirmo tudo em Curitiba, como vocês quiserem, como eu fa- lai aqui, como eu falei aqui. ... eu vou ... você em Guaratuba / se você confirmar a história direitinho. - Tá. - Eu vou te arru- mar um advogado ... não pelo contrário eu vou levar você embo- ra. - Tá bom. - Tá certo? - Tá certo eu concordo. - Temos con-



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



LAUDON: 179.138

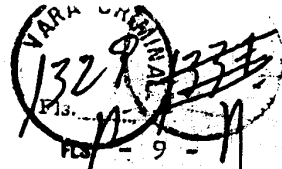
proibido

versados. - Tamo conversado, eu prometo pro vocês tudo que eu /
repeti aqui, eu falo lá. - Lá vai tá o advogado teu, vai tá o /
pessoal e você vai contar esta história direitinho. - Tá, tá //
confesso. - Na frente do Promotor direitinho, porque depois ele
vai dá um tempo. - Hã, hã. - Ele vai dá ... (há um corte na fi-
ta) - ... damos a balinha prá ele e levamos lá na fábrica, ele/
ficou preso lá na fábrica, e a e nós seguramos ... o De Paula./
- ... não fale isso, é mentire minha filha, é mentira. - Nós fi-
zemos o trabalho mão, tava eu e você lembra. - Cale a boca fi-
lha, cale a boca filha. - Tava eu e você lá (fundo musical) nós
seguramos, levamos o menino com com o meu carro, e eu fui diri-
gindo, e o lá foi feito o trabalho, o De Paula fez o trabalho,/
tirou os olhos do menino ... pra que agente tivesse mais fortu-
na tudo, tava eu você, o Osvaldo, o De Paula e quem pagou foi o
Bardeli, o Bardeli é que ficou cuidando de criança. - O Bardeli
pagou pra eles né. - Quanto? - Fale mãe, fale mãe conte isso? -
Agora ela, ela que vai falá, conte. - É minha filha se você ta
falando isso é verdade. - Qual, qual é a verdade? - Aí nós pega
mos ... o neném matamo, abrimo, abrimo a barriga, a boca dele./
- E daí. - E daí matamo a criança. - Quanto vocês pagaram? ...
- Não. - Quanto nós pagamo. - Quanto que foi? - Eu não sei, eu
não me lembro. - Pagaram pra quem? - Prá quem. - É a, e tua fi-
lha tá pedindo, ela já entregou tudo, o De Paula já caiu, todo/
mundo ... - O De Paula. - Todo mundo já caiu. - ... - Foi o De
Paula que nós pagamos. - ... Não sei. - Ele, ele ... - Lembre /
mãe, lembra. - Coque que ele coor, coque ele abriu a criança. -
Que instrumento foi usado. Mechado? Picareta? - ... - Como que/
ele abriu, que parte? - Ele abriu ...? - Ele abriu do, do esto-
mago. - É o que que. - Não minta, não minta, que sua filha tá /



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



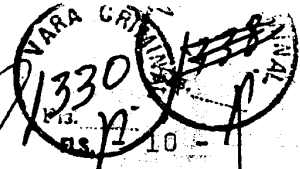
LAUDO Nº 179.138

pedindo pra você. Tá ... do peito até a barriga. - E daí eles./
- Tua filha tá pedindo pra você. - Tá eu to. - E daí? - Daí nós
matamo o menino. - Quem matou? Quem que tava junto? - É o ... /
Osvaldo e o De Paula. Na hora ... - Eu e minha filha. - Há que
hora que que vocês pegaram o guri, a, a que ele cortou, ele ta
va vivo ainda, ou não? - Hã, hã ele não tava vivo, tava morto /
já. - Há que horas que ele tinha morrido, que tinham matado ele?
Sabe heim. - A, a de tarde né. - Que horas mais ou menos? - Me
dá um copo d'água aí faiz. - Quando ele ficou no quartinho, ele
ficou vivo ainda? - Ficou ainda. - Hã. - Ficou vivo ainda. - Fi
cou vivo. - Fico até que horas? - Era de dia né meio dia quando
ele tava vivo ainda, ... mais dinheiro né prá agente ser bem ri
co. - Mas quem que alugou a cabeça de vocês, quem quis dá di
nheiro. Quem alugou vocês? - Hã foi, foi o De Paula. - É e quem
o outro? - Foi o Osvaldo. - E quanto vocês pagaram, quanto foi?
- Não lembro. - Nós sabemos até quem foi que pagou já, viu. - Eu
quero saber quanto, se pagaram alguma coisa ou não. - Fui eu //
que ... - Psiu ... - Não lembro quanto pagaram não. - É é ou-
tra coise, com que vocês abriram o menino? - Com uma serra. -
Que serra? - Tipo de um serrote. - A onde é que tá. - Tá tá lá
na serraria. - Tá lá na serraria. - Deve tá lá. - Qui lugar que
ta lá? A tua fia pediu pra você confessá porque ela já contou a
história, o De Paula já contou a história. - Te, ta lá numa ca
sinha, na serraria. - Ta, então eu não vou levar vocês para Curi
tiba, ouviu Celina? - Sim. - Eu prometo eu vou deixar vocês em
Guaretuba tá vocês vão ter o advogado de vocês, vão se defender,
agora confesse, porque senão vou levar vocês pra Curitiba, prá
ti interroga lá. E o que mais foi usado, além do serrote? - Foi
usado uma faca né. - To, sua mais? - É a serra com o serrote. -



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



LAUDO Nº 179.138

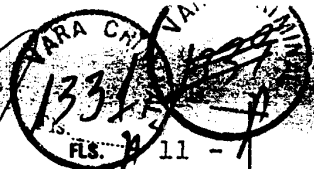
Guaratuba

- Não, tava junto você viu, você tava junto. - E é que eu fecha
va o olho de vez em quando. - É comê e depois comê que vocês /
fizeram? - Daí nós deixamo a criança lá. - A onde? - Ele gritou
muito? - Não gritou muito. - Porque não gritou muito, o que vo-
cêis fizeram ... - ... nós dona um, nós demo um. - ... assim um,
um uma com pau na cabeça dele. - Não minta? - Deu não minta? -
Que roupa ele tava vestindo então? - Ele tava com um calçãozi-
nho e uma camisa. - Camisa? - Uma camisetinha. - Que cor que era?
- A camisetinha era emerald né. - E o calção? Você falou calção.
- É o calção era azul. - Celina vamos confessar direitinho, pra
você ficar em Guaratuba, ... levar você porque você é minha pre-
sa, tá. - ... Guaratuba agora, se vocês contar a história di-
reitinho, que eu não tenha que levar vocês pra Curitiba, prá /
interrogar lá, tá certo, vocês só falam somente a verdade pra
nóis, eu não quero que você minta nada e não invente nada, mas
eu sei que ta falando a verdade, porque tinha a história do De/
Paula, e já tinha a história também do Osvaldo, ta certo? Quan-
do é que vocês guardaram a material, depois dá dá oferta, ... /
dá oferenda? - Daí levamo lá no moto naquele caminho onde ... /
ele foi encontrado. - E onde que ta lá esse material, você sabe
acha lá? - A, a ... o corpo, o corpo do menino já foi achado. /
- Não i, a, i, o resto do material, que vocês tiraram de dentro,
o que que fizeram - ... - Não, não pode. - É que eu fechava mu-
to o olho, eu já disse - ... não, tiraram tiraram a roupa dele, /
o que vocês fizeram, cortaram. - É - O. o que fizeram? - Corta-
mo. - Cortaram o que, onde? - Cortamo do estomago da ... - Fale
conte direitinho vamo lá, que mais? - Na barriga, daí tiramos, /
tiramos os órgãos dele e daí o, o, os, os dois o Osvaldo e o, e
o De Paula. - Hã. - É e pegarem i i daí eu fechei o olho, não /



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



FLS. 11 - 1

LAUDO Nº 179.138

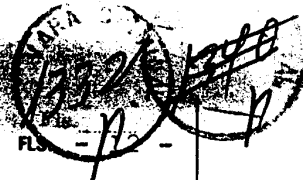
De Paula

sei e onde que eles ofereciam, eles iam dar a oferenda, mas eu fechei o olho porque em não queria vê, eu não gosto de vê sangue. - Tá vai contando. - Daí ele ofereceu, ele fez essa oferenda, nós guardamos dois dias e ... - Eu vou te ajudar Celina. Mã. - Com certeza você tá falando a verdade, continue. - É daí/ nós levamos essa criança naquela caminho e jogamos lá no mato./ - ... hã. - ... quem que foi jogar? - É foi o o De Paula, Osvaldo, fui eu e a Bia, no caso a Bia. - Além ... das vítimas - ... - Que mais vem? - As mãozinhas e os pezinhos. - O que que foi feito? - Foi feito uma oferenda, ... - Mas pra onde que foi essas partes? - Eu não sei pra onde foi, porque Osvaldo eo, eo De Paula é que fazem a oferenda - ... - É Osvaldo. - É Osvaldo o / sabidão mesmo? - É. - É ele o bom da boca ou o De Paula? - Os / dois são bom né, os dois é que fazem o conjunto. - É e eles alu garem a cabeça de vocês? - Pois é. - Foi isso? - Foi. - E outra coisa e o que vocês tem na mais lá na fábrica de vocês lá embaixo? O que vocês tem lá, tem alguma coisa lá diferente? - // Não. - Não. - Não, não tem nada lá. - Não. - Tem uma casa grande lá, e o que mais? - Não, tem só o, o barraco e do lado tem / uma, dentro da própria serraria tem uma peça. - Que peça? - É / um, é um tipo escritório né. Tá, tá e daí? - E do outro lado // tem uma casa de madeira. - E o que mais tem lá? - ... tem bastante madeira ... (tosse) - Não tem outras coisas lá, o que mais deve estar falando a verdade tá? O que que tem lá que vocês fizeram lá, lá algum tempo agora, e daí? - ... tinha, tinha umas / proteção lá né, nós acendemo velas. - A onde vocês acenderam as velas? - Dentro do pátio. - É lá dentro do pátio a onde lá? - É ... perto da de entrada assim da serraria. - O que que tem lá? / - Nós fizemos uma oferenda. - O que é feito a oferenda, como? -



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA



LAUDO N: 179.138

- Nós fizemos um oferecemos vela. - E o que mais ali? Guardaram alguma coisa ali dentro? - É é ele ele guardou uma ... - O que/ foi guardado? - Eu não vi, porque ele não gosta de mostra pra / mim, porque eu sempre debochava dele. - Mas guardava dentro do quê? - - - - -

OBSERVAÇÃO: - As reticências (...) indicam vocábulos ou grupos / de vocábulos ininteligíveis. - - - - -

Este laudo foi redigido pelo perito que o subscreve em primeiro lugar e ditilografado sobre doze folhas de papel timbrado deste Instituto. E são essas as declarações que em suas consciências têm os peritos e fazer. E por nada mais haver, deu-se por findo o exame solicitado que de tudo se lavrou o presente laudo que vai devidamente assinado pelos peritos. - - - - -

Marilân Teresinha Reinostre

MARILAN TERESINHA REINOSTRE
PERITO CRIMINAL

Deolinda Pires

DEOLINDA PIRES
PERITO CRIMINAL